

Exposição Visual: Direitos Humanos - Uma questão do mundo, uma questão do Brasil**Visual Exhibition: Human Rights – A question for the world, a question for Brazil**

Flaviane dos Santos MALAQUIAS*

RESUMO: O presente artigo apresenta a Exposição de arte “Direitos Humanos: uma questão do mundo, uma questão do Brasil” como o registro do processo de criação de crianças de sete países, na realização de um intercâmbio de desenhos sobre direitos humanos, como prática docente em arte, de forma a observar como é possível adquirir competências interculturais utilizando a Proposta de Milton Bennett como método para o Ensino de Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Educação intercultural. Exposição. Direitos humanos. Competência intercultural.

ABSTRACT: This article presents the art exhibition “Human Rights: a question for the world, a question for Brazil” as a record of creative process of children from seven countries. It has been done an exchange of drawings on human rights, as a teaching practice in art, to observe how it is possible to acquire intercultural competences using the Milton Bennett Proposal as a method for Teaching Art.

KEYWORDS: Intercultural education. Exhibition. Human rights. Intercultural Sensitivity.

1 Introdução

A exposição visual “Direitos Humanos: uma questão do mundo, uma questão do Brasil” foi organizada para demonstrar resultados práticos de um intercâmbio de desenhos realizado em 2017 entre alunos da EM. Prof. Otávio Batista Coelho Filho da cidade de Uberlândia/MG e alunos de escolas municipais e privadas dos EUA, Canadá, Eslovênia, Colômbia, Camarões, além de crianças de campos de refugiados da Síria.

Sob a ótica da diversidade cultural, a organização do 18º Encontro de Reflexões e Ações¹ no Ensino de Arte abriu espaço no ano de 2018 para que essa exposição, que já havia sido realizada no espaço do SESC/ Uberlândia – MG, fosse agora vivenciada pelos

* Mestre em Arte-educação pelo Programa de Mestrado Profissional Prof. Artes do Curso de Artes Visuais pela UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, com polo na UFU - Universidade Federal de Uberlândia, <https://orcid.org/0000-0002-9424-7252>, flavinhamalaquias@hotmail.com.

¹ O Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte é um evento organizado anualmente pelo projeto de extensão - Polo UFU Rede Arte na Escola - com o intuito de promover o conhecimento a partir de momentos significativos para a formação continuada de docentes e estudantes das distintas linguagens artísticas - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro - de Uberlândia e região. O evento se alicerça na teoria e prática sobre o ensinar e o aprender Arte no universo de suas infinitas possibilidades criativas e educativas. Estive como membro da comissão organizadora deste encontro nos anos de 2019 e 2020.

participantes do evento, inseridos num contexto em que as discussões trariam reflexões sobre os processos de criação em arte, e práticas inclusivas. A exposição visual e o momento de vivência cultural foram realizados na Escola Municipal Cidade da Música. Durante este momento os visitantes, que em sua maioria eram professores de Arte da rede municipal, puderam interagir e questionar sobre o processo de mediação e realização dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula a partir da colaboração dos parceiros do projeto.

Por ser um tema pertinente a todos os países, Direitos Humanos foi uma escolha em consonância com os demais professores, por refletir a importância dos conceitos de liberdade, igualdade, dignidade, justiça e paz. Dessa forma, em um plano de unidade bimestral composto por quatorze aulas teórico/práticas, enviamos e recebemos desenhos das escolas parceiras, com o intuito de troca de saberes em Arte, de forma a discutir como podemos aprender através do olhar do outro, observando os desenhos de crianças estrangeiras durante as aulas. O convite foi feito para cada professor, dos diferentes países, em carta formal, evidenciando que tudo seria produzido sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou origem social.

As parcerias com os professores estrangeiros foram sendo consolidadas por meio de convites encaminhados por e-mails, e os parceiros foram encontrados através da plataforma internacional da INSEA (*International Society for Education Through Art*). Foi possível ter como parceiros: Esmeralda Schill, professora de Arte da *Northside Middle School* na cidade de Muncie em Indiana nos Estados Unidos; Baraa Kouja, coordenador do projeto “Da Síria com Amor” no campo de refugiados Al-Abrar, situado no Líbano; o professor de Arte Primž Krasna da Escola Osnovna Sola Fram na cidade de Miklavz na Dravskempolju na Eslovênia; a professora de Arte Lynn Fournier da Metis Beach Scholl em Quebec no Canadá; o professor de arte Bobo Leenox da *Community Youth Arts Centre (Coyac)/ Bobo Lennox Arts and Design* na cidade de Bamenda no Camarões; e a professora de Arte Manuelita Téllez, do *Colegio Campestre Goyavier/ Centro de Investigaciones Goyavier* na cidade de Floridablanca, em Santander na Colômbia. Após terem aceitado participar do projeto, as trocas de trabalhos foram feitas via correio.

Este projeto expositivo foi desenvolvido como resultado prático das pesquisas realizadas no Programa de Mestrado Profissional em Arte (Prof-Arte) e se refere aos estudos em Educação Intercultural, aplicados ao campo das aulas de Arte no Ensino Fundamental II, com as turmas de 6^{os} e 7^{os} anos, promovendo olhares e perspectivas sobre como crianças

podem vislumbrar um mundo melhor através do ensino e aprendizagem em Arte, adquirindo competências interculturais que as tornem capazes de lidar de forma respeitosa e tolerante com as diferenças.

2 Direitos humanos

O contexto escolar, permeado por tantos desafios frente à questão das diferenças culturais e da igualdade de direitos, nos coloca, enquanto educadores, numa posição de agentes ativos no combate das desigualdades. Sendo os direitos humanos frequentemente infringidos, esse tema se tornou relevante para a proposta desta exposição visual uma vez que esta instigou em seu processo um convite para crianças de países distintos repensarem suas próprias atitudes relativas à diversidade, observando o desrespeito e sugerindo formas de combatê-lo através de sua Arte. Este trabalho mostra a relevância deste tema para o contexto da Educação Intercultural num panorama mundial.

A Educação Intercultural, conforme afirma Fleuri (2003, p.73), coloca-se como outra modalidade de pensar, propor, produzir e dialogar com as relações de aprendizagem, contrapondo-se àquela tradicionalmente polarizada, homogeneizante e universalizante. Sendo assim, ela é uma forma de educação transformadora quando o assunto é o respeito às diferenças.

Mantoan (2011) aponta, na perspectiva da inclusão, que não somos iguais em tudo, mas conquistamos o direito à igualdade e devemos reclamá-lo toda vez que nossas diferenças forem motivo de exclusão, discriminação, limitação de possibilidades na escola, e na sociedade em geral. A partir desse pensamento é possível observar que na escola é importante que existam ações que minimizem a desigualdade e que reafirmem o direito à diferença, na igualdade de direitos. Como resultado dessas discussões em sala de aula, almejou-se que as crianças pudessem se tornar multiplicadores sociais do conhecimento e empatia que foram sendo construídos e adquiridos ao longo do projeto.

O intercâmbio foi organizado em subtemas, e cada professor colaborador escolheu um subtema norteador dentro do tema Direitos Humanos para a execução de seus trabalhos artísticos a partir de suas próprias metodologias com alunos de 6^{os} e 7^{os} anos do ensino fundamental II.

As crianças canadenses realizaram desenhos sobre conflitos, as eslovenas sobre a migração de refugiados de países em guerra, as colombianas sobre a fome, as americanas

sobre qualidade de vida, e as sírias sobre a guerra. Infelizmente os trabalhos do Camarões não puderam ser desenvolvidos por conta da situação político/social em que se encontrava o país naquele momento. Nós, aqui no Brasil, estudamos minuciosamente os artigos da Declaração Universal dos direitos humanos e escolhemos o subtema diversidade étnico-racial e sua formação a partir da mistura dos portugueses, africanos e povos indígenas. Este subtema foi importante para que os alunos tomassem conhecimento que nosso país infringe certos direitos humanos desde sua descoberta.

A produção desse projeto e seu processo se tornaram significativos para muitos alunos, que refletiram sobre o contexto brasileiro e seu próprio eu, inserido no panorama da diversidade. Para Taylor et al. (2006, p.35) ir ao encontro de outros significa primeiro ter um encontro com sua própria identidade. Sendo assim, o ponto de partida da aprendizagem intercultural é nossa própria cultura, por outras palavras, os nossos próprios backgrounds e as nossas experiências pessoais.

Como resultado, os desenhos que representaram a diversidade foram enviados para os outros países a partir da técnica do nanquim raspado, onde se utiliza giz de cera como fundo e cobertura com tinta nanquim preta, que foi raspada com pregos na criação de desenhos. (Figura 1, 2 e 3).

Figura 1 – Desenhos de alunos sobre direitos humanos. Técnica do giz de cera e nanquim raspado. Papel formato A4.



Fonte: Acervo do projeto.

Figura 2 – Desenhos de alunos sobre direitos humanos. Técnica do giz de cera e nanquim raspado. Papel formato A4.



Fonte: Acervo do projeto.

Figura 3 – Desenhos de alunos sobre direitos humanos. Técnica do giz de cera e nanquim raspado. Papel formato A4.



Fonte: Acervo do projeto.

Respectivamente, cada aluno fez também seu relato sobre cada desenho de forma oral em entrevista gravada conforme afirma Malaquias (2018a, p. 85): “Eu quis representar uma médica negra, pois os médicos negros merecem ser tratados sem preconceito.” (ALUNO A, 2017). “O meu desenho representa os indígenas que sofreram e ainda sofrem por seu espaço em nosso país.” (ALUNO B, 2017). “Eu quis representar que o mundo precisa de mais amor e menos guerra.” (ALUNO C, 2017).¹ Para a exposição nas galerias de Uberlândia, foram realizados autorretratos em pintura a guache, refletindo nossa própria identidade (Figura 4).

Figura 4 – As cores do Brasil. Conjunto de autorretratos Guache sob papel. Papel formato A8 (cada retrato).



¹ Os pseudônimos Aluno A, Aluno B e Aluno C foram utilizados para garantir o anonimato das crianças entrevistadas durante o projeto.



Fonte: Acervo do projeto.

A primeira parte do projeto foi efetivada com as produções e envios para cada país. Pouco a pouco recebemos os desenhos dos outros países, no endereço da Escola Municipal Professor Otávio Batista, para iniciar a segunda parte realizando as leituras das imagens recebidas. Iniciamos as discussões com o objetivo de desenvolver a sensibilidade intercultural.

Desenvolver uma sensibilidade intercultural significa, na sua essência, aprender a reconhecer e gerir as diferenças fundamentais que dizem respeito à percepção do mundo pelas culturas. (GUILLERT, 2006, p.28).

Através das falas das crianças que são registros gravados em voz, foi possível traçar um estudo para perceber o nível de desenvolvimento da competência intercultural (MDCI), proposta pelo teórico Milton Bennett². Os olhares, traçados por elas, tiveram significados distintos, pois esses são dependentes da cultura e do contexto em que o observador está inserido.

3 Experimentações expositivas

Este projeto foi realizado em três espaços expositivos em diferentes momentos. Em cada espaço, experiência e interação foram diferentes. A primeira exposição aconteceu no CEMEPE – Centro Municipal de Projetos Julieta Diniz, na cidade de Uberlândia, como já havia sido previsto como comemoração do dia Mundial dos Direitos Humanos (10 de Dezembro de 2017). Para este espaço, a montagem foi realizada em caixas de madeiras que se assemelhavam a baús (Figura 5 e 6), contendo as réplicas dos trabalhos em fotografias. Esta montagem conotava viagens. A escolha das caixas foi pensada pelas questões climáticas do espaço que era um ambiente aberto, portanto, influenciaria nos trabalhos originais.

Para esse primeiro espaço, foi organizada uma ação educativa, em que os alunos que contribuíram com a proposta tiveram a oportunidade de visitá-lo e interagir com os trabalhos observando, dentro das caixas, as fotografias dos desenhos e pinturas que fizeram parte do intercâmbio. Para esse momento, foi realizada uma aula refletindo sobre a amplitude do que foi produzido e, em roda, os alunos puderam fazer uma autoavaliação oral e escrita sobre a experiência de terem participado de todas as etapas do projeto.

² Dr. Milton J. Bennett é bacharel pela Universidade de Stanford na Califórnia (*Stanford University*), mestre em psicolinguística pela Universidade do Estado de São Francisco (*San Francisco State University*), e doutor em Comunicação Intercultural e Sociologia pela Universidade de Minnesota em Minneapolis, todas localizadas nos Estados Unidos. Foi professor da Universidade do Estado de Portland em Oregon (*Portland State University*), onde criou o programa de graduação em Comunicação Intercultural. No momento é professor de Estudos Interculturais na Universidade Milão no campus Bicocca na Itália (*University of Milano Bicocca*), e ensina também em programas de graduação na Universidade da Suíça (*University of Switzerland*), Universidade Danúbio na Áustria (*Danube University*), e na Universidade de Pequim - China (*Peking University*). Criador do DMIS – *Developmental Model of Intercultural Sensibility* traduzida para o português como Modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural, e em algumas traduções como Proposta de desenvolvimento da competência intercultural. Nos trabalhos desenvolvidos estou utilizando a segunda tradução. Essa teoria tem sido aplicada em empresas e espaços educacionais como estratégia para que os indivíduos possam gerir as diferenças de forma mais prudente.

Sobre essa experiência, Malaquias (2018b, p. 109) afirma: “Desenhamos o símbolo dos direitos humanos, transformando o contorno de nossa própria mão em pássaros, e como encerramento da visita, que durou 30 minutos, cantamos a música “A paz do mundo começa com um abraço”. Unidos neste momento avaliativo, os alunos, em conjunto, tiveram a oportunidade de perceber o quanto colaboraram, por meio de sua expressão artística, com a promoção da paz.

Figura 5 - Exposição no saguão do CEMEPE - Centro Municipal de Projetos Julieta Diniz, Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo do projeto.

Figura 6 - Exposição no saguão do CEMEPE - Centro Municipal de Projetos Julieta Diniz, Uberlândia-MG.

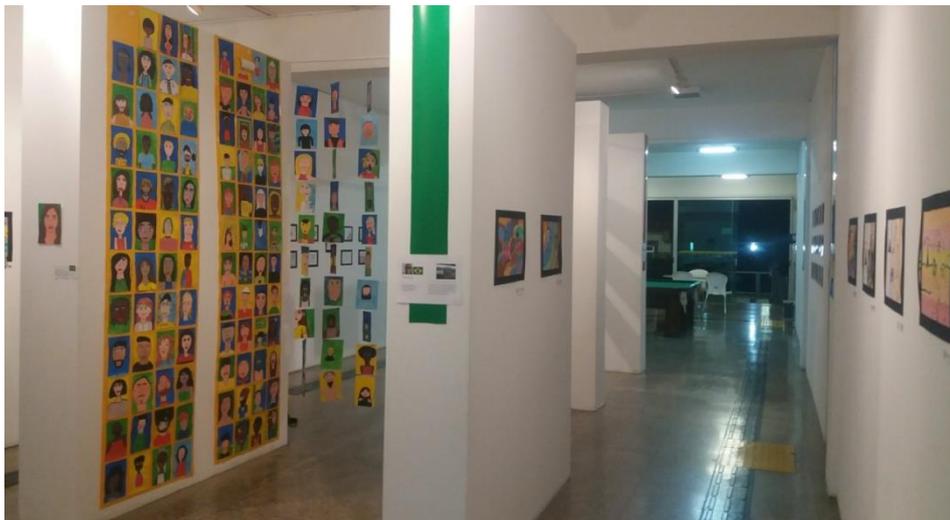


Fonte: Acervo do projeto.

Ao longo da semana de permanência da exposição neste espaço, muitos coordenadores e professores da rede municipal de ensino tiveram a oportunidade de observar a produção, o que trouxe desdobramentos, pois a equipe de jornalistas da Secretaria Municipal de Comunicação se propôs a realizar uma entrevista com os alunos durante a ação educativa³.

A segunda montagem desta exposição ocorreu na Galeria de Arte do SESC (Serviço Social do Comércio) que foi realizada de 02 a 31 de março de 2018. (Figura 7). Nessa exposição os trabalhos originais estavam presentes, despertando novos olhares e desdobramentos para a comunidade. Nesse espaço, a exposição foi amplamente visitada por um público com variados perfis.⁴ Os professores de educação infantil da escola do SESC realizaram Ações Educativas nas visitas com seus alunos. Crianças nessa faixa etária demonstram olhares muito atentos e curiosos, e com muita facilidade conseguem traçar paralelos das obras com suas próprias vidas.

Figura 7 - Exposição na galeria do SESC (Serviço Social do Comércio) Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo do projeto.

O terceiro momento de montagem dessa exposição aconteceu a convite da coordenação do 18º Encontro de Reflexões e ações no ensino de arte (Figura 08), uma vez que no ano de 2018 o evento tratou de questões cujo centro do debate era a inclusão e a

³Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em:

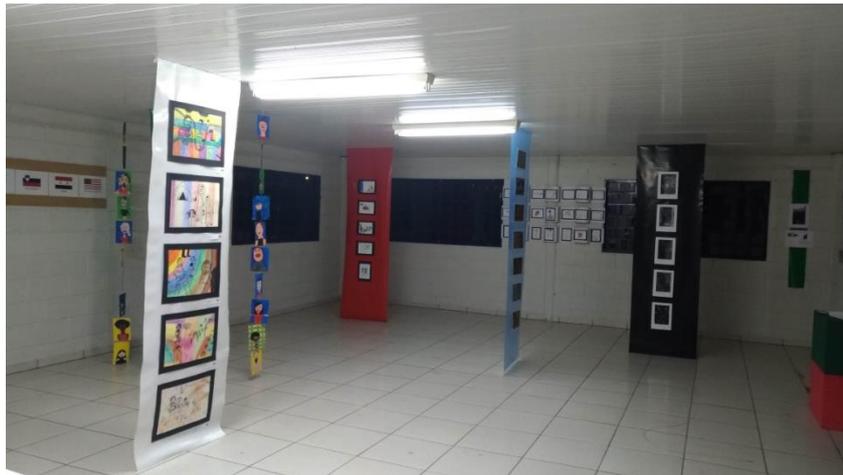
<www.uberlandia.mg.gov.br/2014//noticia/15596/cemepe_recebe_exposicao_sobre_direitos_humanos.html>

Acesso em: 13 de Dez. de 2018.

⁴ A TV Paranaíba registrou e divulgou a exposição no programa Manhã Total. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ysFbzt0KWg>> Acesso em 23 de Mar. de 2018.

diversidade. Sendo assim, foi possível realizar uma vivência com os professores de arte participantes do evento no espaço da galeria da Escola Municipal da Música, como meio formativo de educadores sobre a pesquisa da competência intercultural aplicada ao ensino de Artes Visuais.

Figura 8 - Exposição na Escola Municipal Cidade da Música, Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo do projeto.

De forma muito interessante, o professor Primöz Krasna realizou também uma exposição dos trabalhos uberlandenses na Eslovênia, durante o processo de trocas (Figura 9). Em sua montagem, ele utilizou a tradução de algumas palavras em língua portuguesa para compor a exposição, tais como: escola, direitos humanos, artes, crianças, entre outras, para compor um mural de palavras em português, inglês e esloveno. Ele relatou que as crianças eslovenas ficaram muito contentes em ver desenhos vindos de tão longe e gostaram muito de participar do intercâmbio. Como voluntário, ele realizou um vídeo curto de seus alunos e suas produções, para compor parte de um futuro vídeo documentário proposto como registro desse projeto.

Figura 9 - Exposição dos desenhos brasileiros na Escola Osnovna Sola Fram, Eslovênia.



Fonte: Acervo do projeto.

4 Considerações finais

Essas trocas proporcionaram momentos muito ricos e importantes que passaram pelo fortalecimento da identidade cultural, de questões de confiança, empoderamento e sentimento de pertencimento às minorias. No que se refere à educação na perspectiva intercultural, esses indicadores trazem implicações relevantes para o ensino de arte, uma vez que a compreensão individual de cada aluno sobre esses fatores, passaram pela percepção visual e pela sensibilidade na elaboração de possibilidades carregadas de significados, partindo do conhecer e aceitar primeiramente o eu, para então partir para a aceitação do outro.

O processo deste intercâmbio e a realização desta exposição permitiram observar também o processo de montagem e a concretização da exposição enquanto método avaliativo no ensino de arte. Malaquias (2018) acredita que estar num espaço expositivo desperta o olhar ativo e produtor de conhecimento, uma vez que ao observar de onde saímos e aonde chegamos, os alunos conseguem perceber se os objetivos do trabalho foram cumpridos, como podemos melhorar, se cada um conseguiu atingir os objetivos, e como respeitamos o trabalho dos colegas. Dessa forma, é possível visualizar se as ações estavam de acordo com os planos ou não, se foi possível haver conscientização do que produziram, ou não, e a participação ativa na montagem de exposição não deixa de ser uma ação prazerosa.

Adquirir competências interculturais por meio do ensino de arte é abrir caminhos propositores para sanar os desafios da diversidade na escola de forma sensível. É passar por experiências que consigam compreender o eu, o outro, e como outras visões de mundo são enriquecedoras à nossa própria experiência, de forma a tornar o convívio com as diferenças mais ameno e respeitoso. Essas experiências não podem se situar na superfície, precisam ser aprofundadas ao longo dos processos em arte.

Referências Bibliográficas

ALUNO A, Brasil. Entrevista I. [2017]. Entrevistadora: Flaviane dos Santos Malaquias. Uberlândia: Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, 2017. 1 arquivo. mp3. Entrevista concedida ao Projeto Direitos Humanos – Uma questão do Mundo, uma questão do Brasil.

ALUNO B, Brasil. Entrevista I. [2017]. Entrevistadora: Flaviane dos Santos Malaquias. Uberlândia: Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, 2017. 1 arquivo. mp3. Entrevista concedida ao Projeto Direitos Humanos – Uma questão do Mundo, uma questão do Brasil.

ALUNO C, Brasil. Entrevista I. [2017]. Entrevistadora: Flaviane dos Santos Malaquias. Uberlândia: Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, 2017. 1 arquivo. mp3. Entrevista concedida ao Projeto Direitos Humanos – Uma questão do Mundo, uma questão do Brasil.

BENNET, Milton J. Towards a Developmental Model of Intercultural Sensitivity in R. Michael Paige, ed. **Education for the Intercultural Experience**. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1993.

FLEURI, Reinaldo. Intercultura e educação. In: **Revista brasileira de educação**. São Paulo: n. 23, Maio/Jun/Ago, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200003>

GILLERT, Arne. Conceitos de Aprendizagem Intercultural. **Mochila Pedagógica sobre aprendizagem intercultural**. Comissão Europeia e Conselho Europeu (Orgs.) 4. ed. Bélgica: Conselho da Europa, 2006, pp – 17-32.

MALAQUIAS, Flaviane dos Santos. ALUNO/Brasil. Entrevistas de alunos brasileiros. Uberlândia, 2017. [As falas dessa entrevista se encontram transcritas ao longo do projeto]. In **Intercâmbio cultural: uma proposta de desenvolvimento da competência intercultural no ensino de artes visuais**. 2018a. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1435>.

MALAQUIAS, Flaviane dos Santos. **Intercâmbio cultural:** uma proposta de desenvolvimento da competência intercultural no ensino de artes visuais. 2018b. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1435>.

MANTOAN, Maria Teresa (Organizadora). Ensinando a turma toda: as diferenças na escola. In: **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: UNIC, 2009. Disponível em: < <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf> > Acesso em: 15 de Fev. 2018.

TAYLOR, Mark, SHACHINGER, Claudia. **Uma pedagogia da aprendizagem intercultural**. In: Mochila Pedagógica sobre Aprendizagem Intercultural. Comissão Européia e Conselho Europeu (Orgs.) 4. ed. Bélgica: Conselho da Europa, 2006, pp – 35-38.